

O PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA FACE À DIVERSIDADE DISCENTE

*Maria Cristina Braga Mascarenhas**

RESUMO — *Este trabalho diz respeito à formação/atuação do professor de língua inglesa face às diferenças individuais entre sujeitos de uma mesma cultura. A atenção à diversidade é tema atual discutido em todos os meios sociais, por todos os segmentos que constituem uma sociedade, além de ser uma bandeira que vem sendo empunhada por educadores, investigadores, críticos e estudiosos, haja vista a necessidade de uma educação que considere tais diferenças em prol do desenvolvimento humano.*

PALAVRAS-CHAVE: *Diversidade discente. Formação do professor. Exclusão educativa.*

INTRODUÇÃO

Primeiro: Todos os homens devem ser encaminhados para os mesmos fins da ciência, dos costumes e da santidade.

Segundo: Todos os homens, seja qual for a diferença que apresentem em suas qualidades, possuem uma única e mesma natureza humana dotada dos mesmos órgãos.

Terceiro: A declarada diversidade de qualidades não é senão excesso ou defeito da harmonia natural...

(COMENIUS, DIDÁCTICA MAGNA. AKAL, 1986)

O século XX foi marcado por significativas mudanças em todo o mundo, nos mais diversos campos da vida humana.

* Prof. Adjunto (DLET/UEFS). E-mail: c.braga@fsonline.com.br
Universidade Estadual de Feira de Santana – Dep. de Educação. Tel./Fax (75) 3224-8084 - BR 116 – KM 03, Campus - Feira de Santana/BA – CEP 44031-460. E-mail: educacao.uefs@gmail.com

Mudanças nos aspectos político-sociais, sócio-econômicos, sócio-histórico-culturais, educacionais, tecnológicos e científicos, constituíram-se no ápice de discussões e descobertas com as quais vislumbramos o novo século em que nos encontramos.

Não se fazem necessários estudos aprofundados ou pesquisas científicas para comprovar que as diferenças humanas existem. O próprio senso comum as percebe como sendo uma singularidade e, ao mesmo tempo, um problema que deve ser considerado com seriedade, uma vez que são elas, as diferenças, que marcam a nossa existência, nos diferencia física, mental, e emocionalmente um dos outros.

No que diz respeito ao senso comum, vivemos de acordo com as nossas possibilidades e habilidades individuais, quer pareçam justas ou não, quer sejam as mesmas revestidas de brilho notável ou de luz difusa. A singularidade humana faz toda a diferença, quando o que se tem em pauta é o respeito pelo ser humano. Os sentimentos oriundos da “descoberta da diferença” tanto podem enaltecer como diminuir o nosso “eu” interior. O enaltecimento ou o sentimento de “ser menos” nos impele, muitas vezes, ao sucesso ou ao fracasso em situações diversas pelas quais passamos, no decorrer de nossas vidas.

No entanto, é preciso não somente perceber que somos diferentes – precisamos aceitar nossas diferenças respeitando-as como características individuais, através das quais se dá o enriquecimento e o desenvolvimento humano. Ao aceitarmos que somos diferentes, percebemos que algumas características, contudo, nos tornam seres semelhantes. Por exemplo, todos nós humanos possuímos um corpo físico, cujos elementos são comuns a todos nós. A diferença se faz notar no tamanho, cor, formato, etc. desses elementos, ressaltando-se as peculiaridades entre os sexos feminino e masculino. Podemos dizer, então, que somos iguais e ao mesmo tempo diferentes. Porém, não é apenas no aspecto físico que nossas diferenças são avaliadas.

No que concerne ao aspecto mental (cognitivo), embora todos nós sejamos possuidores de massa cinzenta, não pensamos nem aprendemos de modo igual. Cada um de nós tem um ritmo e um jeito de aprender que nos são próprios, o que nem sempre é considerado no processo ensino-aprendizagem. Além disso,

nossas atitudes e opiniões não são iguais mesmo entre sujeitos de um mesmo grupo, seja esse grupo primário ou não. O comportamento resultante de atitudes e opiniões também se expressa de formas diversas e os sentimentos que temos em relação a um determinado objeto (seja esse objeto pessoa, crença, religião, profissões, enfim, situações várias), obedecem a uma alteridade distinta, própria da condição humana.

Verificamos, portanto, que não podemos negar a diferença. Mas, como defini-la? Em que parâmetros nos apoiamos para estabelecê-la? O que, de fato, significa “ser diferente”? Ser diferente significa apenas ser “desviante” do que foi instituído pelo homem como “normal”? Ser ou estar diferente pressupõe a existência de critérios que assim nos definem, que estabelecem a “perfeição” da forma e a “perfeição” do funcionamento ou critérios de cunho estatístico como a média ou do que está na moda? Em que espelho nos baseamos para definir o tipo ideal e o que isso significa?

A visão que temos das coisas, nosso comportamento e atitudes diante delas, nossas emoções e sentimentos em relação às mesmas podem ser considerados “frutos” da cultura na qual estamos inseridos e da história a que pertencemos. Passamos então, do ponto de vista biológico da diferença para o aspecto sócio-histórico-cultural da diferença. É dentro dessa perspectiva que destacamos a educação como fator preponderante para definirmos individualidade, assim como para definirmos semelhanças e diferenças dentro dessa individualidade.

O tema *diversidade* encontra-se presente em qualquer problema relativo à educação visto que essa diversidade entre os seres humanos e a singularidade individual entre os sujeitos são condições de nossa natureza. Desigualdade e diversidade são condições normais nossas, assim como os fatos sociais, as culturas e nossas respostas como educandos, frente à educação nas salas de aula. A diferença existe nas escolas, sendo que a educação também é causa de muitas diferenças e em outros tantos casos, de acentuação de várias delas. Portanto, o professor está ligado direta ou indiretamente à questão da diversidade e da homogeneização, da equiparação e da desigualdade.

Todo aquele que se forma professor e atua como tal, percebe, logo no início de sua carreira, que seus alunos são diferentes uns dos outros. Não é difícil constatar esse fato, como também não é difícil aceitá-lo. O problema do professor responsável por qualquer matéria se encontra na dificuldade em trabalhar com essa diferença, em sala de aula, visando ao sucesso no processo ensino-aprendizagem. A escola atual tem sido sinônimo de ineficiência, inadequação, insucesso, descompromisso, etc., o que reforça o entendimento de que nossas práticas educativas têm sido, no mínimo, inadequadas à realidade e à necessidade dos nossos alunos. Aliado a isso, deve-se considerar o fato de que o sistema educacional brasileiro urge por uma reforma em termos de objetivos.

O resultado surge, então, na forma de fracasso escolar (leia-se reprovação), ou na forma de uma aprendizagem com falhas, inacabada, distante daquilo que se pensa ser apropriado para o bom desenvolvimento do aluno e conseqüentemente do seu sucesso nos anos letivos pelos quais ele terá que passar. A razão encontrada para o inegável fracasso apresenta-se na forma da indisciplina ou conduta dos alunos de um modo geral, como também, na dificuldade individual de aprendizagem, dificuldade essa, fruto da indisciplina declarada pelos professores. Admitese, desse modo, que a maioria dos alunos é um problema, possuindo transtornos de comportamento e, por isso, distúrbios de aprendizagem.

É comum o professor não admitir ou se responsabilizar pelo insucesso ou fracasso dos seus alunos. Quando a culpa não recai neles, passa a ser do sistema educacional “que possui falhas, é precário e não oferece condições dignas de trabalho nem a estrutura da escola permite que a atuação do professor seja eficiente”, seja pela insuficiência de verbas para aquisição de material didático atualizado e coerente, seja pelos baixos salários que não possibilitam reciclagens e/ou aprimoramento dos professores através da participação em cursos preparatórios e de especialização, palestras seminários, etc. Isto faz com que a formação do professor estagne, não continue a acontecer, devidamente, para o domínio de técnicas e conhecimentos outros, indispensáveis a uma performance satisfatória em sala de aula.

Diante de tal quadro e com a dificuldade em lidar com a diversidade discente, o professor tende a “ignorar” os alunos considerados “problemas” e volta sua atenção quase que exclusivamente para aqueles que se mostram como “bons alunos”, tendo como desculpa que os “maus alunos” constituem-se num empecilho para o bom andamento das atividades e conseqüente sucesso na aprendizagem. Desigualdade instalada, diferenças não compreendidas e fatores adversos não considerados resultam, então, na situação caótica em que se encontra a díade ensino-aprendizagem.

Mas quais seriam esses fatores adversos? A resposta primeira viria em uníssono se essa pergunta fosse feita para um grupo de professores: “o fator social” e em seguida “o fator econômico”. Sem dúvida, tais fatores estão presentes e contribuem para o insucesso da aprendizagem. Porém, não podemos deixar de lado outros fatores que, também, interferem nesse processo como o cultural, o político e o histórico, entre outros.

FATORES SIGNIFICATIVOS QUE INTERFEREM NA ATUAÇÃO DO PROFESSOR FRENTE À DIVERSIDADE DISCENTE

Conforme exposto anteriormente, existem fatores que colaboram para um desempenho inadequado por parte do professor, no que se refere à atual diversidade discente.

O fator histórico é sobremaneira significativo, uma vez que todos nós somos frutos das nossas experiências ao longo de nossas vidas e da interação com o outro. Desde a mais tenra idade, experienciamos vivências e/ou situações que marcam nossa personalidade e caráter, além da carga genética que recebemos ao sermos concebidos. Nossos grupos primários como a família e a escola são “tijolos” fundamentais nessa construção.

O fator cultural tem sua importância, pois “aprendemos” hábitos, crenças e atitudes com os nossos pais, com o meio em que vivemos, com as instituições religiosas que nos rodeiam e fazem parte do nosso dia a dia. Somos, portanto, e também, o resultado da cultura na qual estamos inseridos.

O fator social, intrinsecamente ligado aos dois fatores mencionados acima, apresenta-se na forma do meio social em que vivemos, à classe social a que pertencemos. A classe alta é freqüentadora das melhores escolas da rede privada de ensino, enquanto a classe média se esforça para manter seus filhos em boas escolas da rede privada ou melhores escolas da rede pública, ao passo que a classe baixa rende-se ao seu baixo poder aquisitivo, sendo freqüentadora certa das escolas da rede pública, muitas delas instaladas em bairros populosos e carentes, em todos os sentidos, desde o material didático, o mobiliário inadequado e insuficiente, até chegarmos à estrutura física da escola, administração e o profissional de ensino. Observe-se ainda que nem sempre existe professor e, quando existe, dificilmente ele é qualificado para o cargo ou para exercer suas atividades.

O fator econômico que faz parte do social, que por sua vez faz parte do cultural, que faz parte do histórico, também interfere no andamento do processo ensino-aprendizagem. Ele é o responsável pela falta do material didático, do mobiliário adequado e necessário, bem como pela não contratação de profissionais melhor preparados para lidar com tamanha diversidade. Esse fator é responsável, ainda, pela ausência e evasão freqüentes de muitos alunos porque falta dinheiro para o transporte que os conduz até a escola e, outras vezes, porque os pais necessitam da ajuda de seus filhos-alunos na luta pela sobrevivência.

O fator político aparece naquela parte simbólica da renda destinada à educação, nos administradores, professores e funcionários “apadrinhados”, às vezes despreparados para o exercício de suas funções e ainda, na desatenção à estrutura física dos prédios escolares.

Quanto ao fator genético, sabemos que cada um de nós recebe uma herança genética além do que nos é próprio quando nascemos. Trazemos na nossa bagagem genética muito dos nossos pais e antepassados, ao mesmo tempo em que possuímos algo nosso, pessoal e intransferível que nos molda cognitiva, afetiva e comportamentalmente. Nossa personalidade é traçada tanto pelo que recebemos, pelo que temos e ainda pelo que apreendemos nas interações com o próximo.

Devem existir outros fatores interferentes no processo ensino-aprendizagem, que levam ao fracasso escolar e que podem ser tão importantes quanto os aqui expostos. Porém, é de suma importância compreendermos que esse fracasso tem origem em fatores vários, que eles estão interligados e, muitas vezes, impossíveis de ser dissociados. Mas, tomemos o fator social como ponto de partida para a busca de entendimento quanto à atuação do professor, face à diversidade de seus alunos.

Conforme foi citado anteriormente, geralmente o professor não admite que o fracasso escolar seja de sua responsabilidade e, é claro, que essa culpa não lhe cabe exclusivamente. Nesse jogo de culpa todos se sentem mal, principalmente o professor, sobre o qual recaem as mais diversas queixas. Por causa desse jogo de culpa deixamos de perceber a origem e o desencadeamento de vários problemas.

As mudanças ocorridas no século XX “popularizaram” a instituição escola, concebida para ser seletiva, quer dizer, a escola não foi criada para atender “às massas” e sim, a uma pequena parte da população a qual possuía feições muito próximas do que se instituiu como sendo “o tipo ideal”. No início, a escola atendia apenas às pessoas do sexo masculino, brancas, de família bem estabelecida financeiramente. O sexo feminino conquistou o direito de freqüentar a escola, mas então, freqüentava-a separadamente do sexo masculino, vez que havia escolas para rapazes e escolas para moças. Esse público que tinha acesso à educação era, segundo Cortesão (2002),

um público garantido, submisso, disponível para aprender o que lhe era exigido (ou para interiorizar, humildemente, que não eram capazes de aprender).

A explosão escolar e a necessidade de educar formalmente os nossos jovens fizeram afluir à escola um outro público originário de classes sociais diferentes, com hábitos diferentes, apesar de estar inserido na mesma cultura geral que todos os demais. Assim começaram a surgir os alunos “problema”, assim

instalou-se a diversidade através das diferenças emanadas por pessoas de grupos sociais diferentes.

Sentindo-se impossibilitado de lidar eficazmente com essa diversidade é que o professor, ao voltar sua atenção para os que são considerados “bons alunos”, colabora incontestavelmente para o estabelecimento de uma situação tácita e consentida de exclusão escolar interna. Aos “bons alunos” são oferecidas as honras, as glórias e, portanto, o sucesso. Os “alunos-problema” sofrem penalizações várias que vão desde a exclusão por não se encaixarem nos padrões de normalidade a punições outras como omissão do professor face aos seus questionamentos, finalizando com a sua reprovação. A escola que tinha o *status* de educadora e geradora de mentes brilhantes passou a ter o *status* de instituição fracassada e geradora de fracassos. Além do despreparo do corpo docente para atuar frente à diversidade, outros problemas devem ser salientados como currículos inadequados, prédios escolares mal estruturados, material didático defasado e administrações discutíveis.

O termo excluir ao qual faço alusão, significa, de acordo com Hollanda (1993), “ser incompatível com; por de lado, abandonar, por fora, eliminar, isentar-se”. Nesse contexto de denotações é que tomamos o referido vocábulo para descrever uma situação real, nas salas de aula das escolas em geral, principalmente, das escolas da rede pública de ensino. No momento em que o professor deixa de lado os “maus alunos”, por não saber que comportamento ter diante das suas dúvidas, colocações, inquietações e condutas que diferem daquelas atribuídas aos alunos bonzinhos, passivos, cumpridores de suas tarefas, respeitadores, etc., acontece a exclusão silenciosa. O professor entende, em consonância com a administração da escola, que tais “alunos-problema” são incompatíveis com o sistema, abandonando-os nas suas necessidades educativas, ao mesmo tempo em que se isenta de culpa e se ausenta como educador, como um profissional que deveria ser o instrumento mediante o qual se dá a aquisição do conhecimento, crescimento e enriquecimento intelectual, ético e moral dos seus educandos, além de ser revestido do papel de facilitador da aprendizagem, mediador da interação social e por que não ousar dizer, revestido do papel de “transformador de mentes”?

A exclusão educativa (ou educacional) tem a função de, conforme foi escrito por Rabinivitch (2001), “*aprisionar ‘do lado de fora’ os que são excluídos, transformando-os em reclusos num exílio sem os laços a que todo cidadão tem direito*”. A discriminação, o preconceito e a estigmatização são elementos preponderantes no processo de exclusão. A questão primordial não é a percepção e aceitação da diferença que existe entre a população estudantil, é sim, a forma ou tratamento dispensado a essa diferença, à diversidade. Convém lembrar, no entanto, que nem toda diversidade pressupõe desigualdade, embora todas as desigualdades sejam diversidades.

No que concerne especificamente à aprendizagem da língua estrangeira e, em especial, da língua inglesa, a situação de fracasso escolar configura-se, também, em uma realidade incontestável. Enfatizamos, todavia, que além dos fatores que já foram apresentados nesse trabalho como contribuidores do insucesso discente, não podemos ser indiferentes a outros que são específicos ao processo de aquisição de uma língua estrangeira. Salientamos ainda, a facilidade, tendência, ou inclinação que algumas pessoas possuem para o domínio de línguas, fato que se estende a outros campos ou áreas de conhecimento, ou seja, devemos observar o fato de que existem pessoas com inclinação para a música, literatura, artes em geral, ciências naturais, humanas, exatas, etc. Por si só, tal fato já nos faz compreender o êxito de muitos e o fracasso de outros no que diz respeito à aprendizagem de línguas.

ESPECIFICIDADES QUE DEVEM SER CONSIDERADAS QUANDO DO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA

Sendo o inglês uma língua universal e a mais adotada como segunda língua, além de ser importante no cenário internacional permitindo acesso mais fácil e imediato à ciência, literatura, informática e a qualquer manifestação sociocultural, não é de admirar-se, portanto, o monumental interesse e procura por sua aprendizagem. O ensino da língua inglesa ou de qualquer outra língua estrangeira contribui para o desenvolvimento psicológico

do aluno porque envolve habilidades de compreensão e produção adquiridos através de determinadas estratégias cognitivas como identificar, inferir, deduzir, generalizar, comparar, memorizar, etc., sendo necessário, para tanto, que o professor crie uma atmosfera em sala de aula que propicie o desenvolvimento de tais habilidades.

Em meio à diversidade sempre crescente e diferenças individuais acentuadas, o professor de língua estrangeira depara-se, então, com uma dificuldade maior que é intermediar a aprendizagem de estruturas, vocabulário, sons, etc., em uma língua que não é a sua. O estudo da língua estrangeira também tem como objetivo o desenvolvimento social do aluno, vez que amplia sua visão de cidadania e seus valores culturais mediante comparação das culturas e das línguas que ele apreende (estrangeira e materna), o que implica em mudança de concepção de mundo que ele possui. Por fim, a aprendizagem de uma língua estrangeira perpassa pela afetividade do aluno, uma vez que age sobre a personalidade do aprendiz, possibilitando, dessa forma, que ele pense, e não raras vezes, se comporte de maneiras diferentes.

Além dos aspectos acima considerados, há uma outra dificuldade com a qual o professor de línguas convive que é a carga horária destinada à aprendizagem das mesmas dentro do currículo escolar. Assim, mesmo que o professor domine perfeitamente o sistema lingüístico do idioma que ensina, ele encontrará barreiras para desenvolver uma prática docente eficiente, além, é claro, da grande barreira da diversidade. O que fazer então diante de tantas dificuldades, tantas diferenças e necessidades e diante de tamanha diversidade? O que fazer com o mal estar geral que se apossa dos professores de um modo tácito mas nítido e “gritante” devido à situação de fracasso dos seus alunos? Como conseguir êxito frente a turmas tão numerosas e diversificadas em termos sociais e educacionais? Como desenvolver o interesse e a vontade de aprender dos nossos alunos, considerando que esses interesses são os mais variados possíveis?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a escola precisa resgatar o respeito que a ela era dedicado anos atrás e para isso, grandes - mas não impossíveis – mudanças precisam acontecer dentro do sistema escolar, começando pela renovação curricular, preparação dos professores e material didático adequado para enfrentar a temida e real diversidade. Fora do sistema escolar, o que nos resta é lutar por uma política nacional educativa que contemple a diferença ou essa diversidade discente, que prime pelo respeito à profissão do professor. A valorização profissional, a conscientização por parte do professor de que ele precisa ter uma formação continuada, visando a sua adequação às mudanças e seu preparo para lidar com as diferenças, não somente tornarão melhor a sua prática educativa, como também sua postura profissional. Livrar-se do mal estar, portanto, tem a ver com essa valorização, de sentir-se não excluído profissionalmente. Devemos considerar ainda, a posição da escola ao exigir adequação dos alunos ao sistema, o que se traduz como uma postura de exclusão, visto que um significativo número de alunos não vai conseguir tal feito. Segundo Vygotsky, “uma das tarefas da escola é se adaptar às necessidades dos seus alunos”, o que significa que não é tarefa dos alunos se adaptarem a ela. Só assim, esta contemplará a diversidade, respeitando as diferenças.

Acreditamos, também, que um dos objetivos do educador é o de explorar honestamente as diferenças, possibilitando que seus alunos experimentem e compreendam a diversidade. Devemos enaltecer nossas diferenças e não discriminá-las ou referir-se a elas de forma pejorativa. Devemos incentivar nossos alunos a aprenderem sobre as diferenças raciais, culturais, familiares, de sexo, religiosas, as diferenças entre as aptidões e as habilidades, enfim, sobre as diferenças próprias do ser humano. Em consonância com Stainback & Stainback, (1999), apresentamos alguns objetivos visando ao respeito às nossas diferenças, como:

- Ajudar nossos alunos a desenvolverem identidades positivas de sexo, raça, cultura, etc.;

- Ajudar nossos alunos a reconhecerem e aceitarem sua participação como membro de muitos grupos diferentes, exercitando as trocas culturais;
- Ajudar nossos alunos a se perceberem como parte de uma sociedade mais ampla;
- Estimular nos alunos o respeito e a apreciação pelos diversos modos de viver das pessoas;
- Promover o desenvolvimento de uma consciência realista da sociedade contemporânea;
- Promover o sentimento de responsabilidade social e interesses que se estendam além da família e de seus grupos pessoais;
- Apoiar o desenvolvimento de habilidades educacionais e sociais necessárias para que os alunos se tornem participantes plenos da sociedade de maneira mais adequada aos estilos, orientações culturais e origem lingüística individuais.

THE ENGLISH TEACHER BEFORE STUDENT´S DIVERSITY

ABSTRACT — *This work deals with formation - English teachers´ role - before differences among persons of the same culture. The attention to diversity is a current theme discussed in every social environment by all the segments that constitute any society, besides being a flag which has been held up by educators, investigators, critics and scholars keeping in their minds the need of an education which takes into consideration such differences in favor of human development.*

KEY WORDS: *Students´ diversity. Teacher formation. Educational exclusion.*

REFERÊNCIAS

ALCUDIA, Rosa et al. **Atenção à diversidade**. Porto Alegre: Artmed, 2002, 168 p.

AQUINO, Julio Groppa. **Diferenças e preconceitos na escola**. 2.ed. São Paulo: Summus, 1998, 215 p.

Sitientibus, Feira de Santana, n.37, p.75-87, jul./dez. 2007

- BAQUERO, Ricardo. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998, 167 p.
- BEVER, Otto Hugo. **O fazer psicopedagógico**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 1996, 204 p.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000, 93 p.
- CORTESÃO, Luíza. **Ser professor: um ofício em risco de extinção?** São Paulo: Cortez, 2002, 128 p.
- FILHO, J. C. P. de Almeida. **O professor de língua estrangeira em formação**. São Paulo: Pontes, 1999, 184 p.
- FINOCCHIARO, Mary. **English as a second language: from theory to practice**. New York: Regents Publishing Company, 1974, Inc. 230 p.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **Vygotsky um século depois**. Minas Gerais: EDUFJF, 1998, 104 p.
- HOLLANDA, Aurélio Buarque de. **Mini dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, 577 p.
- PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento & Aprendizagem em Piaget e Vygotsky**. S. Paulo: Plexus, 1994, 160 p.
- PERRENOUD, Philippe. **A pedagogia na escola das diferenças**. Porto Alegre: Artmed, 2001, 230 p.
- RABINOVITCH, Solal. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, 116 p.
- SANTOS, Aparecida de Fátima Tiradentes. **Desigualdade social & Dualidade escolar**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, 101 p.
- SILVA, M^a Cecília Pereira da. **A paixão de formar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, 129 p.
- STAINBACK, Susan & STAINBACK, William. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artmed, 1999, 451 p.
- VASCONCELOS, Celso dos S. **Resgate do professor como sujeito de transformação**. 8. ed. São Paulo: Libertad, 2001, 205 p.